



## O PENSAMENTO E O MOVENTE: UM ENSAIO A PROPÓSITO DA EXPERIÊNCIA DA DURAÇÃO ANTE OS PROCESSOS DE ACELERAÇÃO DA HISTÓRIA E ALGUNS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO

THE THOUGHT AND THE MOVING: AN ESSAY ON THE SUBJECT OF EXPERIENCE OF TIME BEFORE THE PROCESS OF ACCELERATION OF HISTORY AND SOME CHALLENGES FOR EDUCATION

EL PENSAMIENTO Y EL MOVIMIENTO: UN ENSAYO SOBRE LA EXPERIENCIA DE LA DURACIÓN ANTE DE LOS PROCESOS DE ACELERACIÓN DE LA HISTORIA Y ALGUNOS RETOS PARA LA EDUCACIÓN

*Áurea Maria Guimarães<sup>1</sup>*

*José Luiz Pastre<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Esse artigo tem por objetivo problematizar alguns aspectos das mudanças produzidas pelos novos meios técnicos e científicos. Essas mudanças afetam nossa maneira de habitar o planeta, nossas relações interpessoais, a maneira como nos relacionamos com o passado e com o futuro, a maneira como nos relacionamos com nossa memória e com a cultura, afetam as experiências de aprendizagens, trazem novos desafios para os processos educacionais. Considerando a importância dessas questões para o campo da educação, autores como Henry Bergson, Walter Benjamin, Paul Virilio, Paula Sibília, Felix Guattari e Vigotski podem nos ajudar a compreender de que maneira a realidade passa a ser percebida ante os processos de aceleração do tempo histórico e como nossa sensibilidade se altera, dificultando o pensamento, o diálogo, a narrativa de experiências. Se a rapidez das informações e da comunicação coloca novos problemas para nossa liberdade, para a maneira como nos relacionamos com o tempo segundo uma experiência da duração, para nossa capacidade de avaliar o que nos acontece, procuramos indicar que a cultura e a comunicação necessitam da duração, dos vínculos sociais e de que a educação, pensada como uma ação cultural, deve se interrogar pelas ações que possibilitem uma "reação transformadora", diante dessas mudanças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Duração. Experiência. Velocidade. Poder. Tecnologia.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss some aspects of the changes produced by the new technical and scientific means. These changes affect our way of inhabiting the planet, our interpersonal relationships, the way we relate to the past and the future, the way we relate to our memory and culture, affect the learning experiences, bring new challenges for the educational processes. Considering the importance of these issues to the field of education, authors such as Henry Bergson, Walter Benjamin, Paul Virilio, Paula Sibília, Felix Guattari and Vygotsky can help us understand how reality is perceived at the historic time acceleration processes and how our sensitivity changes, hindering thought, dialogue, narrative experiences. If the speed of information and communication poses new problems for our freedom, to the way we relate to the time after an experience of duration, to our ability to evaluate what happens to us, we seek to show that the culture and the communication need duration, social links and that the education, thought of as a cultural action, must question itself for the actions that allow a "transforming reaction", to these changes.

**KEYWORDS:** Culture. Duration. Experience. Speed. Power. Technology.

<sup>1</sup> Doutora em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP – Brasil. Professora Livre-Docente do Departamento de Ensino e Práticas Culturais da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP – Brasil. E-mail: [auguima@yahoo.com.br](mailto:auguima@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP – Brasil. Pesquisador colaborador pela mesma universidade. E-mail: [zenomaden@gmail.com](mailto:zenomaden@gmail.com).

**Recebido em:** 31/03/2016 – **Aprovado em:** 23/05/2016

**RESUMEN:** Este artículo se propone a discutir algunos aspectos de los cambios producidos por los nuevos medios técnicos y científicos. Estos cambios afectan a la forma en que habitamos el planeta, nuestras relaciones interpersonales, la forma en que nos relacionamos con el pasado y el futuro, la forma en que nos relacionamos con nuestra memoria y la cultura, afectan las experiencias de aprendizaje, traen nuevos retos para los procesos educativos. Teniendo en cuenta la importancia de estas cuestiones en el campo de la educación, autores como Henry Bergson, Walter Benjamin, Paul Virilio, Paula Sibilia, Felix Guattari e Vigotski pueden ayudarnos a entender como la realidad se percibe en los procesos de aceleración de tiempo histórico y como cambia nuestra sensibilidad, lo que dificulta el pensamiento, el dialogo, las experiencias narrativas. Si la velocidad de las informaciones y de la comunicación plantea nuevos problemas para nuestra libertad, por la forma en que nos relacionamos con el tiempo, según una experiencia de la duración, para nuestra capacidad de evaluar lo que nos pasa, tratamos de mostrar que la cultura y la comunicación necesitan de la duración, de los lazos sociales y que la educación, pensada como una acción cultural, debe examinar las acciones que permitan una “reacción transformadora”, delante de estos cambios.

**PALABRAS CLAVE:** Cultura. Duración. Experiencia. Velocidad. Poder. Tecnologia.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao pensarmos os processos educacionais é importante considerar a complexidade desse campo, que não é uma complexidade que o isola dos outros campos, mas uma complexidade conectada com a vida, mergulhada em uma pluralidade de práticas discursivas e não-discursivas, as quais dizem respeito aos diversos saberes que constituem esses processos. Esses processos, e os saberes que os constituem, não estão isentos de relações de poder, o poder entendido não apenas como forma de dominação, mas também visto de maneira positiva, como capacidade de criação e afirmação da vida. Nesse sentido, os processos educacionais e pedagógicos não estão isentos das tensões que envolvem a dinâmica da cultura, a dinâmica da sociedade brasileira, com suas multiplicidades e contradições.

Um aspecto importante a ser considerado na dinâmica da cultura contemporânea diz respeito às mudanças produzidas pelos novos meios técnicos e científicos em nossa percepção do tempo e espaço, na maneira como fazemos a experiência da própria cultura. Essas mudanças afetam a vida, o trabalho do educador, as experiências de aprendizagem, o próprio processo de pesquisa e produção de conhecimento. Em que consistem tais mudanças? Como elas têm sido problematizadas? Podemos encontrar na filosofia conceitos que nos ajudem a pensá-las?

Nas páginas seguintes procuraremos indicar a importância dessas questões para o campo da educação, procurando compreender alguns aspectos da maneira pela qual a realidade passa a ser percebida e vivida ante os processos de aceleração do tempo. O conceito de duração, de Bergson, é uma maneira que encontramos para nos abrir a essa problemática, a qual desenvolveremos mais abaixo. A partir do conceito de duração procuraremos iniciar a construção de um diálogo, em uma perspectiva dialógica, entre diferentes pensadores. Ao retomar o conceito de dialogia em Bakhtin, Richard Sennett afirma que em uma conversa dialógica não há uma concordância convergente, uma identidade de sentidos, tal como em uma conversa dialética<sup>3</sup>. Uma conversa dialógica pressupõe um espaço mútuo indeterminado em que estranhos convivem e se abrem para a experimentação (SENNETT, 2012, p. 36). Ao

<sup>3</sup> No caso, Sennett está se referindo à dialética de Aristóteles e de Platão.

trazermos, para este ensaio, esses estranhos, esses autores de épocas diferentes e de perspectivas diferentes, para uma conversa, convidamos também o leitor ou leitora a pensar junto, dialogicamente, uma questão que nos afeta.

## 2 VELOCIDADE E EXPERIÊNCIA DA DURAÇÃO

Vivemos um processo de aceleração da história, um aumento da velocidade com que ocorrem mudanças na produção de conhecimentos, na inovação tecnológica, na comunicação, no transporte, entre outros. Essas mudanças afetam nossa maneira de habitar o planeta, nossas relações interpessoais, a maneira como nos relacionamos com o passado e com o futuro, a maneira como nos relacionamos com nossa memória e com a cultura, afetam as experiências de aprendizagens, trazem novos desafios para os processos educacionais. Por exemplo, em uma época de hiperconexão, onde há uma avalanche de informações e contatos, Paula Sibilia (2012) nos chama a atenção para o fato de que a velocidade e a intensidade dos fluxos conspiram contra a produção de sentidos. Enquanto usuários de dispositivos midiáticos, nossa sensibilidade é saturada de estímulos que disparam a toda pressa, sobrecarregando as possibilidades de processamento consciente, dificultando as possibilidades para o diálogo, para a narrativa de experiências, para o pensamento. Em um ambiente em que tudo acontece vertiginosamente, é possível que a experiência não se assente, por faltarem à subjetividade as condições ou as ferramentas necessárias para incorporar o que lhe ocorre e se encarnar nessa vivência particular.

Consideremos a experiência da duração. Em seu livro *A Evolução Criadora*, Bergson nos chama a atenção para um fato simples e comum, mas rico em ensinamentos. Trata-se da dissolução do açúcar na água. Ele afirma que se quisermos preparar um copo de água com açúcar, devemos esperar com que a fusão dele com a água se efetue. Essa espera, que pode coincidir com nossa impaciência, que é uma maneira de durarmos, não é da ordem do pensamento, mas da ordem do vivido (BERGSON, 1996, p. 10). Com este exemplo extraído de Bergson, nosso objetivo não é fazer uma distinção entre o tempo objetivo, medido cronologicamente, e o tempo subjetivo, vivido afetivamente. Trata-se de pensar a duração, enquanto acontecimento, a qual implica para o sujeito que a vive uma experiência, uma maneira de viver o mundo. Esse pequeno exemplo do copo de água com açúcar pode nos ajudar a pensar as mudanças produzidas em nossas experiências pelas transformações técnico-científicas e como elas podem alterar a duração dos acontecimentos e a maneira como os vivemos.

Seja em nossos trajetos, a duração de uma caminhada de fim de tarde; seja nas produções da indústria, a organização do trabalho, o tempo para produzir um automóvel; seja no cultivo de alimentos, o tempo para geminar o trigo; seja o tempo que envolve a aprendizagem, Virilio nos chama a atenção para o aumento da velocidade produzida pelos novos meios técnicos e científicos, os quais produzem uma aceleração dos processos de produção, da vida, da história. A velocidade não serve somente para nos deslocarmos, “ela serve, antes de mais, para ver, para escutar, para divisar e, por conseguinte, para conceber

mais intensamente o mundo presente. Amanhã servirá cada vez mais para agir à distância, para além da área de influência do corpo humano e da sua ergonomia comportamental” (VIRILIO, 2000, p. 35).

Esse aumento da velocidade implica uma mutação profunda na relação do ser humano com seu local de vida, nas suas relações interpessoais, na maneira como percebemos o tempo e o espaço, na maneira como percebemos o presente. Essa mutação é de uma ordem diferente das transformações anteriores, que ocorreram no processo de desenvolvimento da história da humanidade, pois ela marca o aparecimento de um novo tipo de intervalo, não mais o do tempo e o do espaço, mas o da velocidade da luz. Velocidade limite que produz uma significativa mudança em nosso regime perceptivo, em nosso corpo, em nossa capacidade de narrar experiências (Ibid. p.51), uma vez que estamos vivendo uma mudança no regime das durações. Os paradoxos da aceleração são numerosos e desconcertantes. A própria emergência desse novo tipo de intervalo, o da velocidade da luz, é paradoxal (Ibid. p. 174), na medida em que tende a nos libertar dos trajetos e das durações, a colocar novos desafios para nossa capacidade de avaliar a realidade. Estaríamos vivendo uma época de dissolução da experiência? Da experiência em si ou de certa maneira de organizar a experiência?

Já no início do século XX, Walter Benjamin nos alertava para o surgimento de uma nova forma de miséria, a miséria da experiência, paradoxalmente produzida pelo próprio desenvolvimento da humanidade e dos diversos tipos de violências que constituíram esse desenvolvimento, bem como a incapacidade das pessoas em narrarem essa experiência. Benjamin chega mesmo a detectar, em meio às transformações da cultura no início do século XX, uma aspiração à libertação de toda experiência (BENJAMIN, 1987, p. 118). De certa maneira, as análises de Paul Virilio contribuem para circunscrever esse tipo de aspiração.

De acordo com as análises de Paul Virilio, a tecnologia suprimiu o espaço. A velocidade dos meios de transporte encurta distâncias, excluindo a experiência do trajeto, do caminho. Agora nós estaríamos sendo expropriados do tempo, do tempo humano dos encontros, do conhecimento, da reflexão, uma vez que a velocidade passou a ser incorporada não só pelas máquinas como também pelos nossos corpos. A exigência de rapidez toma conta do nosso cotidiano, destruindo o que o tempo enquanto duração pode nos proporcionar. Diante das exigências da rapidez, para resistir é preciso reconquistar o tempo humano, é preciso politizar a velocidade para não sermos devorados pelo poder e pela violência que por ela foram gerados, pois “(...) aquele que tem a velocidade tem o poder” (VIRILIO, 1984, p. 50). Como reconquistar, então, esse tempo?

Talvez possamos dizer, inspirados em Bergson (2006, p. 161), que no auge da velocidade, o tempo se detém:

É próprio do tempo, decorrer; o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante que ele decorre (...). Mas o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo da minha percepção presente, este ocupa necessariamente uma duração.

É nesse tempo de “duração”, e não no tempo que escorre vertiginosamente, que acreditamos ser possível exercer a aventura da percepção enquanto movimento capaz de suscitar o pensamento. Esse presente real, concreto, vivido é a materialidade de nossa existência através da qual o corpo, as sensações, o cérebro podem criar conexões outras com o tempo e o espaço. Passado e futuro não estariam submetidos à imediaticidade do presente, haveria sim uma coabitação dos tempos.

Essa ideia de unidade entre passado, presente e um possível futuro aparece também em Walter Benjamin para quem o passado é atualizado no presente, de modo a transformá-lo, a liberar o presente de um passado que o oprime. Para Benjamin, o presente é algo que pode ser imobilizado no tempo, quando ele se apropria “de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (1987, p. 224). O oposto do tempo contínuo é o tempo da interrupção, do “salto” que possibilita a realização das histórias que estão “suspensas na espera”, conforme bela expressão de Olgária Matos (1989, p. 68). Ou, então, como nos indica Bergson (1992, p. 63), nessa positividade do tempo que se confunde com uma hesitação ou indeterminação das coisas e, assim, com a criação no mundo. Pode a educação contribuir com a conquista desse tempo? Teria a educação uma potência humanizadora, diante desses processos?

### **3 EDUCAÇÃO E POTÊNCIAS DO TEMPO**

A educação, a escola, ocupa um lugar paradoxal, pois historicamente tem se organizado de maneira disciplinar. A disciplina é uma forma de exercício de poder em um espaço fechado. Implica certa maneira de organizar o tempo. Por exemplo, ao ler, estudar ou escrever como propõe o dispositivo escolar, experimenta-se um tempo cumulativo, linear e ascendente onde “cada momento requer uma etapa anterior que lhe dê sentido e coerência, como um avanço gradativo que se enquadra na lógica racional do progresso”. Já os meios audiovisuais e interativos, solicitam e incitam outras disposições corporais e subjetivas distintas daquelas que são postas em prática pela leitura e pela escrita. Para o usuário midiático, o sentido não é fundamental, ele não precisa necessariamente interpretar as mensagens recebidas, apenas se conectar diretamente com o estímulo que atinge seu aparelho perceptivo, e somente se desliga a partir de certo nível de esgotamento e saturação, quando se entedia, afirma Sibilía (2012, p. 90). O paradoxo é que a escola pode ser um espaço de resistência diante dessa tendência à dissolução da experiência. Mas como? Mantendo a velha disciplina? Essa pode ser uma resposta reativa, conservadora, a essa tendência, como vemos em algumas escolas públicas brasileiras onde podemos observar, em casos mais extremos, a polícia militar assumindo a administração para manter a ordem. Qual poderia ser uma resposta ativa, transformadora, dessa tendência à dissolução da experiência? Ainda que de maneira indicativa, iremos considerar alguns traços dessa potência.

Se nossa vida é atravessada por ferramentas, instrumentos, conhecimentos e técnicas que afetam as relações com os outros e com o mundo, não se trata aqui de instaurar um discurso contra as tecnologias e o desenvolvimento científico, nem é esse o caso de Paul

Virilio quando ele coloca o problema da velocidade. Trata-se de compreendermos os paradoxos que as constituem. Guattari, por exemplo, afirma que os novos meios técnicos e científicos são capazes de resolver muitos dos problemas colocados hoje para a humanidade, mas, para ele, as forças sociais organizadas e as formações subjetivas constituídas têm se mostrado incapazes de se apropriar desses meios e torná-los operativos no sentido de promover uma nova arte de viver em sociedade, de modo a enriquecer a nossa relação com o mundo (GUATTARI, 1992, p. 33). Em um universo em que as mentalidades coletivas mudam e mudarão cada vez mais rápido, é preciso que a qualidade da produção de subjetividade se torne a finalidade primeira das atividades humanas, o que exige que tecnologias apropriadas sejam colocadas a seu serviço, entre elas as que dizem respeito aos processos educacionais (Ibid. p. 177).

Ora, é importante considerar na formação subjetiva o imbricamento não somente entre a dimensão técnica e os conhecimentos que a envolvem, mas também o imbricamento com a dimensão ética. Se as formações subjetivas não estão dissociadas dos saberes que as constituem, elas implicam também uma capacidade de avaliar, de atribuir valores. Podemos afirmar que não há liberdade sem potência, quer dizer, sem uma capacidade de agir, de realizar determinadas ações: Que posso fazer? Posso falar, quer dizer, sou capaz de falar? Sou capaz de caminhar? Sou capaz de resolver determinado problema de matemática? Diversas tecnologias, diversos instrumentos, sejam eles materiais ou imateriais, podem nos ajudar a desenvolver nossas potências. Mas há outra dimensão da liberdade, que constitui a maneira como nos relacionamos conosco mesmos, com os outros e com o mundo, e implica um trabalho de pensamento, implica uma relação com o tempo que não é a de uma resposta imediata e mecânica, implica uma duração e uma maneira de avaliar os acontecimentos.

Lapoujade nos chama a atenção para essa relação entre liberdade e tempo, liberdade e duração em Bergson. Por exemplo, ele afirma que são as exigências do presente, com sua sucessão incessante de imperativos, que nos fazem atualizar tal ou tal virtualidade de nossa existência, de nossa duração. Mas o que acontece com a liberdade se a considerarmos irreduzível a essa espécie de causalidade, à exigência dos imperativos do presente? Seria preciso, então, supor que introduzindo um intervalo de tempo entre ação e reação, entre a causa e o efeito, entre o imperativo e nossa resposta, que introduzindo a duração de uma hesitação, introduzimos no mundo certa liberdade (LAPOUJADE, 2010, p. 19-20)? Lapoujade nos indica, a partir dessas perguntas, uma maneira de pensar o problema da duração e da liberdade em Bergson na perspectiva do processo de criação da vida. Nessa perspectiva, o atraso, a hesitação, são expressões de uma potência do ser humano (Ibid. p. 105). Mas o que há de ativo em uma hesitação? Em Bergson, já dissemos mais acima, há uma positividade do tempo que se confunde com uma hesitação ou indeterminação inerente às coisas e, assim, com a criação no mundo. Relativamente à educação, essa parece ser uma das condições necessárias para o desenvolvimento de sua potência humanizadora.

Consideremos um exemplo a partir de estudos de Vigotski a respeito da relação entre os instrumentos e o símbolo na criança. Ainda que o problema da aceleração do tempo não tenha sido objeto de problematização de Vigotski, acreditamos que alguns aspectos de seus

estudos nos permitem dialogar com os outros autores que utilizamos. Por exemplo, em seus estudos a respeito da importância dos instrumentos e do símbolo no desenvolvimento das crianças, ele procura mostrar o imbricamento entre os signos e os instrumentos, considerando-os não como fenômenos paralelos, mas atribuindo à atividade simbólica uma função organizadora específica que invade o uso dos instrumentos e produz formas fundamentalmente novas de comportamento. Um dos aspectos que nos parece interessante nesses estudos, diz respeito ao processo de construção do símbolo, o aspecto experimental de seus estudos, no qual se pode perceber não somente a relação com o tempo, com a experiência, mas também certa maneira de se relacionar com as coisas tendo em vista a resolução de um problema e a utilização de artifícios, sejam os instrumentos materiais ou imateriais, que permitem à criança relacionar-se com o meio, com os outros e consigo mesma de outra maneira.

Ao defrontar com os estudos behavioristas do comportamento e da aprendizagem e com uma abordagem naturalista ou evolucionista da história, Vigotski afirma que a estrutura estímulo-resposta não é suficiente para se construir observações experimentais do comportamento humano, pois um dos aspectos que caracterizam o ser humano é um uso dos instrumentos que lhe permite uma “reação transformadora” e não uma atitude unidirecionalmente reativa diante da natureza (VIGOTSKI, 2007, p. 63). Essa expressão, “reação transformadora”, que constitui a base do trabalho humano, é tanto um meio de Vigotski distinguir o comportamento do ser humano do comportamento dos animais, quanto uma maneira de pensar o desenvolvimento da aprendizagem, pois, para ele, é preciso encontrar um método de análise e experimentação que dê conta da especificidade da atividade humana. A partir desses estudos, ele afirma que há um uso especificamente humano dos instrumentos e esse uso implica um processo complexo que passa pela linguagem, pela nossa capacidade narrativa, nossa capacidade de elaboração simbólica, a qual, por sua vez, implica uma relação com o tempo, uma relação onde se posterga a ação. Esse imbricamento entre o uso de instrumentos e a atividade simbólica, o trabalho enquanto reação transformadora, que implica uma atividade de pensamento, possibilita com que a criança resolva problemas e permite uma maior liberdade nas operações das mesmas, uma independência em relação à estrutura de uma situação (VIGOTSKI, 2007, p. 11-20).

Relativamente ao tempo, em suas análises Vigotski nos chama a atenção ao fato de que em geral os pesquisadores concentram seus estudos no tempo de reação das respostas e não nos processos de aprendizagem ou no conteúdo da própria reação. Muitas vezes se procura a uniformidade, desprezando o processo em andamento, desprezando os tempos críticos do aparecimento das reações, quando ligações funcionais são estabelecidas (Ibid. p. 73). Nesse processo de construção, em contexto experimental, quando a criança é colocada diante de um problema que está além de sua capacidade, nos parece interessante o relato de Vigotski a respeito da introdução de um objeto neutro à disposição da criança e como ela incorpora ativamente esse objeto na tarefa de solucionar o problema (Ibid. p. 82).

Esse objeto neutro é um artifício, funciona como um instrumento que pode afetar o comportamento da criança e auxiliá-la na resolução de um problema, como já dissemos. É

interessante porque esse objeto permite outra leitura dos fenômenos no processo de resolução de um problema, ele funciona como um instrumento, é um artifício experimental, tem um sentido prático e produtor de sentidos. O sentido não está no objeto, mas nasce a partir de certa relação que se estabelece com o objeto, a partir de certo uso que se faz do mesmo em determinada situação e que possibilita a produção de sentido. Guattari nos dá um exemplo semelhante, relativamente ao funcionamento de uma instituição, onde um clube terapêutico, no interior de uma instituição, pode se constituir como um “vacúolo”, algo semelhante a um objeto neutro, tal como Vigotski descreve em suas experimentações, que permitirá uma leitura, uma avaliação e uma análise da instituição (GUATTARI, 2004, p. 217). O analisador não é o clube ele-mesmo, mas alguma coisa que está relacionada à sua maneira de funcionar, ao papel polivalente que ele assume enquanto centro de informação, de organização, de assembleia comunitária etc. (Ibid. p. 56), possibilitando a mudança das coordenadas enunciativas do grupo. De certa maneira são esses “vacúolos” que possibilitam a constituição de grupos-sujeitos, ou nos termos de Vigotski, uma reação transformadora da realidade. Nos dois casos, nas suas devidas especificidades, há uma perspectiva construtivista e processual, seja em relação à aprendizagem seja em relação à produção de um desejo coletivo.

Esses são apenas alguns pequenos exemplos que podem nos indicar caminhos de experimentação diante dessa tendência à dissolução da experiência. No caso de Vigotski, parece-nos interessante a introdução do “objeto neutro” no processo de aprendizagem na experimentação para resolver uma situação-problema, em Guattari, a criação de “vacúolos” no interior de uma instituição, que permitam um deslocamento das relações, uma abertura de possíveis.

Nesse sentido, poderíamos nos perguntar se a escola ela mesma não poderia se constituir como um intervalo, ou seja, constituir-se de uma maneira tal que não seja indiferente ao que se passa, sem se submeter aos imperativos do presente, tais como o mercado, a mídia etc., nos impõe a cada dia. Quem sabe possa funcionar no modo subjuntivo, dialógico, como espaço de experimentação do pensamento, como espaço que nos possibilite sentir e perceber o mundo no qual vivemos diferentemente, através de encontros com experiências outras que aquelas que tendem a nos tornar impotentes, a nos desumanizar.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: EDUCAÇÃO – AÇÃO CULTURAL – DURAÇÃO**

O objetivo desse ensaio foi pensar aspectos da dinâmica da cultura contemporânea, mais especificamente, os fenômenos de aceleração da história e alguns dos desafios que se colocam para a educação. Buscamos no diálogo produzido por uma leitura cruzada entre diferentes autores, encontrar alguns elementos que pudessem dar expressão a uma problemática que nos afeta. A cultura, pensada do ponto de vista de sua criação, assim como a comunicação, necessita da duração, do vínculo social, da relação<sup>4</sup>. O conceito de duração

<sup>4</sup> Algumas dessas ideias encontramos no documentário *Paul Virilio: Penser la Vitesse*, dedicado ao pensamento de Paul Virilio.

foi uma maneira que encontramos de nos abirmos a uma problemática, tentarmos compreender as articulações do real e não interpretar a realidade.

Pensando a educação como uma ação cultural, seria importante interrogar pelas ações que nos possibilitem no uso dos instrumentos, materiais e imateriais, uma “reação transformadora”, uma atitude ativa relativamente aos acontecimentos e não uma atitude reativa. Quem sabe em pequenos gestos que, ainda que se dissolvam nesses fluxos, ainda que imperceptíveis como lágrimas na chuva, sejam capazes de constituir uma experiência ao invés de deixar com que a possibilidade de experiências se dissolva no esgotamento, na saturação. Vimos que existe uma positividade do tempo que se confunde com uma hesitação nas coisas, que se confunde com a criação no mundo. Uma hesitação, um atraso, uma indeterminação, uma lentidão que paradoxalmente sejam capazes de produzir uma aceleração outra que não aquela das respostas automáticas, mas a de um tempo que se reinventa reinventando a vida.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Vol. 1: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGSON, Henry. **Durée et simultanéité**. Paris: QUADRIGE/PUF, 1992.

BERGSON, Henry. **L'évolution créatrice**. Paris: QUADRIGE/PUF, 1996.

BERGSON, Henry. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **Psicanálise e transversalidade**: ensaio de análise institucional. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

LAPOUJADE, David. **Puissances du temps**: versions de Bergson. Paris: Les Édition de Minuit, 2010.

MATOS, Olgária. **Os arcanos do inteiramente outro**: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SENNETT, Richard. **Juntos**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Sylvere. **Guerra pura**: a militarização do cotidiano. Tradução de Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VIRILIO, Paul. **A velocidade de libertação**. Tradução de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2000.

#### **FILME**

PAUL VIRILIO: **Penser La Vitesse**. Direção: Stéphane Paoli, Produção: Arte France & La Generale de Production. França, 2008. Duração: 90 min. Disponível em: <<https://goo.gl/rKl5EC>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

#### *Como citar este documento:*

GUIMARÃES, Áurea Maria; PASTRE, José Luiz. O pensamento e o movente: experiência da duração ante os processos de aceleração da história e alguns desafios para a educação.. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 2, abr./jun. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8644681>>. Acesso em: 05 jul. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/etd.v18i2.8644681>.